



RENDA FAMILIAR EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA: UMA AVALIAÇÃO DO ASSENTAMENTO BELA VISTA, BAHIA

**EDNA MARIA DA SILVA; PAULO ANTÔNIO DE FREITAS BBALANCO;
VITOR DE ATHAYDE COUTO;**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

SALVADOR - BA - BRASIL

ednasilv@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Agricultura Familiar e Ruralidade

Renda familiar em áreas de reforma agrária: uma avaliação do assentamento Bela Vista, Bahia¹

Grupo de Pesquisa: 7 - Agricultura Familiar

Resumo

Este trabalho foi realizado na região do Recôncavo Baiano em 2005, especificamente no município de Santo Amaro, no Assentamento Bela Vista, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tem-se como objetivo calcular a renda familiar relacionada às atividades de famílias de agricultores nessa área de assentamento com o propósito de avaliar a viabilidade e o desempenho das unidades familiares ali presentes. Nesta pesquisa utilizou-se como procedimento metodológico a Análise-Diagnóstico de Sistemas Agrários, mediante a qual calculou-se o valor da renda familiar agrícola e do auto-consumo para quatro tipos representativos de produtores assentados (Pi), chegando-se à elaboração de um quadro demonstrativo, de forma comparativa, do desempenho das famílias estudadas.

Palavras-chaves: Reforma agrária; Renda familiar; Bahia; Sistemas de produção.

Abstract

This work was accomplished in the Recôncavo Baiano area in 2005, specifically in the municipal district of Santo Amaro, in the Bela Vista Establishment, organized for the Movement of the Rural Workers without Earth (MST). The main objective is the

¹ Este artigo é sub-produto da monografia da co-autora.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



calculation of the family income related to the activities of farmers' families in that establishment area with the purpose of evaluating the viability and the acting of the family units. In this research it was used as methodological procedure the Analysis-diagnosis of Agrarian Systems. The value of the agricultural family income and of the self-consumption was calculated for four representative kinds of producers with the elaboration of a demonstrative picture, in a comparative way, of the acting of the studied families.

Key-words: The agrarian Reformation; Familiar income; Bahia; Systems of production.

1 INTRODUÇÃO

A modernização da agricultura no Brasil impulsionou a concentração de terra e da renda e, ao mesmo tempo, a expropriação do trabalhador rural. Esse processo de exclusão atingiu fortemente o campesinato na década de 1970. Com a mecanização da agricultura houve a liberação de grande contingente de trabalhadores do campo, o qual recorreu a métodos de movimento social organizado, enquanto classe social antagônica ao grande proprietário fundiário, passando a reivindicar a reforma agrária como mecanismo de democratização e acesso à terra (STÉDILE, 2001). É nesse contexto que surge, em 1979, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que se institucionalizaria em 1984, intensificando a luta pela reforma agrária iniciada com as Ligas Camponesas desde os anos 1950.

A reforma agrária é defendida por várias correntes teóricas, partidos políticos, Igrejas Católica e Luterana, mas do ponto de vista prático, nunca foi executada como uma política agrária dos governos visando à desconcentração de terra e renda. Ao contrário, as políticas do Estado têm sido orientadas para a modernização da agricultura com base na grande propriedade, absorvendo novas tecnologias, aumentando a produtividade e gerando divisas para o país. Entretanto, embora relegada, a agricultura familiar tem um enorme potencial, devido à sua dimensão econômica, social, cultural e ambiental. A agricultura familiar emprega 77% da mão-de-obra do campo e é responsável, junto com os assentamentos, por 40% do Valor Bruto da Produção agropecuária, bem como pela produção dos principais alimentos que compõem a cesta básica da população (ROSSETTO, 2004). Outro fator de destaque no meio rural é a presença da renda não-agrícola, pois com a modernização da agricultura o meio rural passa por um processo de transformação tanto nas formas de produção, quanto nas relações sociais. De acordo com Couto; Dufumier (1998), o baixo rendimento agrícola e a liberação da mão-de-obra devido ao avanço da tecnologia são fatores que impulsionam os agricultores a complementarem as suas rendas praticando atividades não agrícolas.

Neste trabalho estudou-se um assentamento originado da luta pela reforma agrária assumida pelo MST. Além desta introdução, o artigo é composto por mais um capítulo, e pelas considerações finais. O segundo capítulo baseia-se em dados primários obtidos diretamente na área objeto do estudo de caso, o Assentamento Bela Vista. A base metodológica para coleta, tratamento e análise dos dados primários é a “Análise-Diagnóstico de Sistemas Agrários”, utilizada pela Organização para Agricultura e Alimentação (FAO) e pela instituição francesa Instituto Nacional Agrônômico (INA), de Paris-Grignon. Os indicadores considerados na análise são a renda, a produtividade do trabalho, a diversidade de culturas e a integração entre os sub-sistemas que compõem os



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



sistemas de produção. Especificamente, apresentam-se como principais resultados, o cálculo da renda familiar agrícola e não agrícola, inclusive o auto-consumo, comparando-se os diferentes níveis de eficiência microeconômica dos sistemas de produção praticados pelas famílias do Assentamento Bela Vista.

2 A EXPERIÊNCIA DO ASSENTAMENTO BELA VISTA

2.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Neste trabalho consideram-se os resultados oriundos da pesquisa de campo realizada no Assentamento Bela Vista (ABV). O método utilizado para análise e coleta de informações, em campo, no assentamento, foi “Análise-Diagnóstico de Sistemas Agrários”, utilizado pela FAO e Universidades latino-americanas, inspirada nas reflexões e resultados de pesquisas levadas a efeito no Departamento de Agricultura Comparada e Desenvolvimento Agrícola do Instituto Nacional Paris-Grignon (INA-PG). Conforme definição de Mazoyer citado por Garcia Filho (1997?, p. 21),

Um sistema agrário é, antes de tudo, um modo de exploração do meio historicamente constituído, um sistema de forças de produção, um sistema técnico adaptado às condições bioclimáticas de um espaço determinado, que responde às condições e às necessidades sociais do momento. Um modo de exploração do meio que é o produto específico do trabalho agrícola, utilizando uma combinação apropriada de meios de produção inertes e meios vivos para explorar e reproduzir um meio cultivado, resultante das transformações sucessivas sofridas historicamente pelo meio natural.

A metodologia é baseada na teoria sistêmica, em passos progressivos, partindo do geral (mundo, país, região) para o particular (municípios, assentamentos, unidades de produção familiar). Trata-se de estudar a unidade (micro), mas sem se afastar da visão do todo (macro). Na escala de um estabelecimento agrícola, o sistema de produção pode ser definido como uma combinação (no tempo e no espaço) dos recursos disponíveis para a obtenção das produções vegetais e animais. Ele pode também ser concebido como uma combinação mais ou menos coerente de diversos subsistemas produtivos. (Dufumier, apud GARCIA FILHO, 1997, p. 26).

Na análise do sistema de produção devem-se examinar as interações e as interferências entre os sistemas (cultivo, criação, transformação) que o compõe. Além da análise dos sistemas de produção dos agricultores, deve-se levar em consideração no estudo, o entorno econômico, o contexto no qual a comunidade está inserida, a infraestrutura local, o mercado, os potenciais e os limites dos ecossistemas.

De acordo com Dufumier citado por Garcia Filho (1997?, p. 31), é importante observar nos sistemas de produção: a) a família e a mão-de-obra disponível, b) a unidade de produção, c) os sistemas de culturas, d) os sistemas de criação, e) os sistemas de processamento dos produtos, f) as atividades complementares, g) as combinações dos sistemas de cultura com os de criação.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Neste trabalho tem-se como propósito o cálculo da renda familiar agrícola e não agrícola, inclusive o auto-consumo, comparando-se os diferentes níveis de eficiência microeconômica dos sistemas de produção praticados pelas famílias.

Etapas:

- o primeiro passo consiste na análise de estudos já produzidos sobre o local;
- leitura de paisagem, a qual possibilita identificar as formas de exploração de cultivo, manejo do meio ambiente e as práticas agrícolas, combinação dos sistemas de cultivos e criação, bem como as condições ecológicas;
- entrevistas históricas, as quais possibilitam o resgate da história do assentamento, conhecer as mudanças ecológicas, sociais e técnicas agrícolas;
- tipologia dos produtores (famílias assentadas), que consiste em agrupar os homogêneos, a partir das entrevistas com os produtores e as lideranças;
- tipologia dos sistemas de produção, que permite classificar a unidade produtiva e suas parcelas, identificando os consórcios, as diferentes formas de manusear a terra;
- amostragem dirigida, na qual escolhem-se os produtores mais representativos;
- análise econômica, através de levantamento patrimonial, depreciação (D), Unidade de Trabalho Familiar (UTf), custos por subsistema, e Produto Bruto (PB) identifica-se a renda dos produtores, e os sistemas mais eficientes.

$$VA = PB - CI - D \quad (1), \text{ onde,}$$

VA: Valor Agregado; o VA do sistema de produção é igual ao valor do que foi produzido (PB) menos o valor do que foi consumido no processo produtivo.

PB: Produto Bruto Anual (soma total de toda a produção gerada multiplicada pelo preço de venda);

CI: Consumo Intermediário (bens que são inteiramente transformados no processo, por exemplo: adubos, sementes, agrotóxicos, etc.);

D: Depreciação (Valor do bem hoje / número de anos).

Após o cálculo do Valor Agregado, infere-se sobre a Renda Agrícola.

$$RA = VA + Sub - S - I - J - RT,$$

$$VA = PB - CI - D$$

$$RA = PB - CI - D - S - I - J - RT + SUB \quad (2), \text{ onde,}$$

RA: renda agrícola;

S: salários;

I: impostos;

J: juros;

RT: renda da terra (arrendamentos);

Sub: subsídios.

Ao dividir a RA, pela UTf tem-se a produtividade do trabalhado. Esse parâmetro pode ser comparado à remuneração da potencial oportunidade de trabalho do produtor, isto é, o custo de oportunidade da força de trabalho. Para verificar a eficiência dos sistemas de produção faz-se necessário calcular o valor da renda por unidade de área disponível (onde ha é a área agrícola utilizada), e por unidade de trabalho familiar.

$$\textit{Produtividade da área} = RA/ha \quad (3)$$

$$\textit{Produtividade do Trabalho} = RA/UTf \quad (4)$$

$$\textit{Produtividade da área cultivada} = RA/ha/UTf \quad (5)$$



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



A curva que representa o sistema de produção é composta pela adição da curva de cada subsistema, ordenado de forma decrescente no que se refere a sua produtividade. Para comparar os resultados econômicos dos diferentes sub-sistemas de produção foi necessário padronizar 1 (um) hectare como unidade comum. Possibilitando analisar a eficiência dos sub-sistemas.

A avaliação econômica dos sistemas de produção visa à formulação de uma relação de dependência entre a renda da unidade de produção (RA) e a área (ha), de modo a demonstrar a variação da renda em decorrência de uma variação na área explorada. As curvas dos sistemas de produção foram constituídas a partir da função linear ($y = ax - b$) e adaptada para a equação 6, pois se torna necessário avaliar o *quantum* da força de trabalho familiar que opera no sistema de produção. Utilizam-se, portanto, a renda por unidade de trabalho familiar (RA/UTf) e a área total por unidade de trabalho familiar (ha/UTf). A função linear é conseguida através do seguinte cálculo:

$$y = ax - b$$

$$RA/UTf = (PB/ha - CIp/ha - Dp/ha - Sp/ha) ha/UTf - \Sigma Dnp/UTf \quad (6), \text{ onde,}$$

x: área do subsistema;

a: coeficiente angular - diferença entre (PB/ha – Cp/ha);

b: coeficiente linear - custos não proporcionais, é o ponto de partida da curva;

p: representa todas as despesas proporcionais ao subsistema (- CIp/ha - Dp/ha – Sp/ha);

np: representa a depreciação não proporcional ao subsistema, mas que faz parte de todo o sistema de produção - Dnp/UTf;

(PB – Cp)/ha é a inclinação da reta, mostra a relação entre a renda do subsistema e a área, uma cultura intensiva utiliza menor área, portanto, menos horizontal será a reta, dado que quanto mais próxima do eixo das ordenadas se situar a reta, mais intensivo é o uso do recurso terra vis-à-vis a renda gerada. Quanto maior o produto bruto e quanto menor os custos, maior será a inclinação da reta (mais vertical).

A Renda Agrícola (RA) é composta pela Renda Monetária (RM) adicionada ao auto-consumo².

$$RA = RM + \text{Auto-consumo} \quad (7)$$

A partir do processo de coleta de dados é possível fazer uma análise econômica dos sistemas de produção. Esta permite identificar a renda agrícola total (RA) dos produtores selecionados (auto-consumo + renda monetária) e por subsistema. Assim, pode-se confirmar ou refutar a(s) hipótese(s) anteriormente elaboradas através da comparação entre os resultados dos diferentes sistemas de produção e dos diferentes tipos de produtores.

2.2 LOCALIZAÇÃO, ORIGEM E ESTADO ATUAL DO ASSENTAMENTO

O Assentamento Bela Vista, está localizado no município baiano de Santo Amaro, o qual, por sua vez, encontra-se na região Recôncavo Sul, subespaço Subaé/Baixo Paraguaçu. Atualmente, em 2005, o município abrange grandes propriedades com

² O auto-consumo é a parte da produção que o agricultor destina a sua alimentação e a dos seus familiares. O valor em reais totalizado pelo auto-consumo pode ser interpretado como uma renda auferida pelo produtor, caso ele vendesse a produção que foi consumida.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



canaviais, plantações de bambu, pecuária extensiva, ao lado de pequenas propriedades (que possuem poucos recursos), e os assentamentos de reforma agrária.

A estrutura fundiária da região é marcada por um lado, pela presença de minifúndios que não absorvem a totalidade mão-de-obra familiar disponível e, por outro, pela concentração de terra, gerando um grande número de demandantes de terra e trabalho. A exclusão social possibilita as condições objetivas para o crescimento e desenvolvimento do MST, que se dá através da ocupação de terra e da consolidação do assentamento. Aproximadamente 430 famílias, compostas por arrendatários, diaristas, ex-trabalhadores rurais e urbanos, foram transferidas de municípios como Camaçari, Candeias, Feira de Santana, Mata de São João, São Francisco do Conde, São Sebastião, Santo Amaro, Santo Estevão, sob a coordenação do MST.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), conforme prevê artigo 184 da Constituição Federal, desapropriou a Fazenda Santo Antônio dos Calmons, ocupada em 20 de outubro de 1996 por trabalhadores rurais. A área total do assentamento é de 322 ha assim distribuídos: 30 lotes que totalizam 240 ha., sendo 21 lotes no solo massapê e 9 lotes no solo tabuleiro; uma área coletiva (30 ha) que compreende à agrovila e às áreas de cultivos (pasto, mandioca, sabiá, cana), e uma área de preservação ambiental (52 ha) definida pelo INCRA.

Em 2005 havia 27 famílias no assentamento, totalizando 87 pessoas (inclusive crianças). A faixa etária das famílias é bastante heterogênea. Os jovens com até 20 anos totalizam 47%; crianças de 0 a 10 anos correspondem a 22% e jovens de 11 a 20 anos, 25%; os adultos entre 21 e 60 anos totalizam 45%, e apenas 7% das pessoas têm acima de 61 anos.

As famílias assentadas cuidam da organização do assentamento, resolvem os problemas práticos do dia-a-dia e, como não tiveram acesso a educação formal, têm dificuldades na tomada de decisões, já que, dos 87 assentados, apenas 11% possuem o 2º grau completo e 59% freqüentaram a escola no máximo até a 4ª série. Deste total de pessoas que vivem no assentamento, 62% estudam, e este percentual é composto na maior parte por crianças e jovens.

No assentamento, identificou-se uma via coletiva - que possibilita a organização do assentamento e a integração deste ao MST - e outra via individual relacionada à gerência das famílias e áreas individuais (os lotes). Embora, exista o conflito indivíduo x coletivo, o assentamento está desenvolvendo através da Cooperativa Regional dos Assentados do Recôncavo (COPRARECON) um projeto coletivo de produção de cana-de-açúcar para fabricação de cachaça.

Quanto à forma como desenvolveram o trabalho, 55% dos assentados trabalharam individualmente no seu lote, 25% trabalharam em grupo no lote, e 18% trabalharam em grupo (mutirão) apenas na época do plantio. Os assentados praticam agricultura de subsistência e cultivam em roças tradicionais - produtos para consumo próprio e para venda na feira local - utilizando ferramentas rudimentares com baixo nível tecnológico. Entre as culturas exploradas destacam-se mandioca, cana-de-açúcar, milho, abóbora e banana. Além da criação de bovinos, suínos e animais de tração, encontram-se animais domésticos como cães, gatos e aves de quintal. Existe também o sistema de transformação (casa de farinha).



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Todas as famílias possuem algum tipo plantio (cultura) nos quintais. Apesar de apresentarem culturas similares, os quintais não são homogêneos, sendo alguns bastante diversificados. De uma forma geral, podem-se sintetizar como culturas no quintal: fruteiras, horta, andu, aipim, mandioca, coco, aves, ervas medicinais e flores.

Entre os 27 assentados, 44% trabalham apenas na agricultura; 26% são diaristas, 30% auferem renda não agrícola provenientes do comércio (7,5%), prestação de serviços (7,5%), e aposentadoria (15%), além de desenvolverem atividade agrícola nos seus lotes. Embora tenham sido identificadas no assentamento rendas não agrícolas (transferências do governo e pluriatividade), grande parte dos assentados (12) pratica cultura de subsistência, desenvolvendo apenas atividades agrícolas. A pluriatividade no assentamento (41%) é oriunda, em sua maior parte, da atividade agrícola, isto é, venda de diárias no interior do próprio assentamento ou na comunidade vizinha, bem como da fabricação de doces, prestação de serviços - professor (a) - e comércio. No ABV sete (26%) assentados trabalham no seu lote e vende o dia a R\$ 10,00 para complementar a renda. Essa prática é bastante comum entre os assentados recém chegados que ainda não estão auferindo uma renda agrícola suficiente para a sobrevivência. Apenas 15% dos assentados desenvolvem atividades não vinculadas a agricultura para complementar a renda.

Quanto à renda não agrícola proveniente de transferências de governo, tais como aposentadoria, pensão, bolsa família e bolsa-escola, constatou-se a existência de várias famílias beneficiárias. Entre as 27 famílias assentadas, aproximadamente 41% recebem ajuda do governo, através do programa bolsa-escola, bolsa-família, contra 59% que não são contempladas por esses benefícios. Quando se trata de aposentadorias, os percentuais são bem menores, apenas 15% dos assentados recebem esse benefício.

Na próxima seção trata-se do cálculo da renda familiar agrícola e não agrícola, inclusive auto-consumo, comparando-se os diferentes níveis de eficiência microeconômica dos sistemas de produção praticados pelas famílias.

2.3 TIPOLOGIA DOS PRODUTORES E DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO

No assentamento, identificam-se quatro tipos característicos de produtores (P1, P2, P3, e P4). Os produtores diferenciam-se principalmente pelos tipos de solo que utilizam, e pela forma de organização da produção. Dos quatro produtores típicos escolhidos para a amostra (estratificada), dois (P1 e P2) cultivam em solos predominantemente argilosos, do tipo *massapê*; os outros dois (P3 e P4) produzem em solos predominantemente arenosos, do tipo *tabuleiro*. Quanto à organização da produção e do trabalho, dois produtores (P3 e P4) trabalham individualmente em cada um dos seus lotes; um produtor (P1) organiza o seu trabalho de forma mista, ou seja, parte do seu cultivo é realizada individualmente, e parte, coletivamente (grupo de produtores, mutirão). O quarto produtor (P2) organiza o seu trabalho de forma exclusivamente grupal (troca de dias durante todo o processo produtivo). Os produtores diferenciam-se ainda em função da pluriatividade, do acesso ao crédito e da presença, na família, de pelo menos uma pessoa aposentada ou pensionista. São as seguintes as principais características dos quatro produtores:

P1: trabalha individualmente e em grupo, solo massapê, créditos: PROCERA, CONAB.

P2: trabalha em grupo, solo massapê, créditos: PROCERA, CONAB, ajuda do governo.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



P3: trabalha individualmente, solo tabuleiro, sem crédito, pluriativo, ajuda do governo.

P4: trabalha individualmente, solo tabuleiro, aposentada, pensionista, crédito PROCERA.

Os SP de cada família assentada variam conforme as diferentes combinações das atividades produtivas, dimensão da área plantada, nível de integração entre os sub-sistemas, fatores que resultam em diferentes níveis de renda familiar. Dessa forma, cada SP constitui uma unidade, embora possa ser mais ou menos diversificado internamente.

A análise dos sub-sistemas de produção (ou sistemas de cultivo, criação no quintal, e beneficiamento) em cada um dos produtores estudados, demonstrou que o valor da renda no assentamento é significativamente modificado quando se considera o cálculo do auto-consumo. Outro fator significante para a formação da renda é a integração entre os sub-sistemas, pois os SP mais integrados geralmente têm maior aproveitamento dos recursos naturais, o que possibilita maior renda, e independência do mercado de insumos.

Nos Fluxogramas são apresentados os diferentes níveis de integração interna de cada SP, ou seja, as diferentes trocas de fertilidade entre os sub-sistemas, representadas por setas orientadas. A seguir, apresentam-se os SP e os sub-sistemas identificados no assentamento:

SP1: Mandioca x milho / banana / feijão x milho / feijão / amendoim / cana x milho / mandioca x abóbora x aipim / pasto x dendê / capoeira / quintal / pasto coletivo / casa de farinha³.

SP2: Banana / coco / abacaxi / cana / amendoim / milho / mandioca x milho x feijão/ pomar / pasto / capoeira / quintal / pasto coletivo / casa de farinha.

SP3: Mandioca x milho / abacaxi / inhame x amendoim / coco x maracujá / abóbora / feijão/ feijão x abóbora x milho / pasto / capoeira / quintal / pasto coletivo / área externa / casa de farinha.

SP4: Coco x caju x mandioca / banana x caju / abacaxi x caju / capoeira / quintal / pasto coletivo / casa de farinha.

A seguir são apresentadas as análises econômicas dos quatro agricultores familiares (P1, P2, P3 e P4), representantes típicos dos sistemas de produção SP1, SP2, SP3 e SP4.

2.3.1 Análise dos principais tipos de produtores, seus respectivos sistemas de produção, e renda familiar agrícola e não agrícola

O produtor P1 pratica o SP1, de tipo misto, trabalhando individualmente e também em grupo. A área utilizada com sub-sistemas é de aproximadamente 7ha, que representam 87,5% da área total do lote (8ha), distribuídos em lavouras (3,52ha) representando 44% do lote, e sistema de cultivo pastagem (3,48ha), representando 43,5% do lote. O sub-sistema capoeira (1ha) representa apenas 12,5% do lote, indicando que este produtor já está próximo de cultivar toda a sua área. A mão-de-obra nesta unidade produtiva é predominantemente familiar, com 3,5 ha/UTf, constatando-se a presença de diaristas contratados pela família na época do preparo do solo para plantio, especificamente no sub-sistema mandioca x abóbora x aipim.

³ O sub-sistema quintal representa o agrupamento de pequenas culturas, hortas, e criação de animais na área da agrovila.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Na Tabela 1, podem-se verificar as receitas e despesas dos produtores estudados. A renda monetária anual do P1 é de R\$ 6.693,00. Por ser uma família de duas pessoas, a renda monetária per capita é de R\$ 3.346,50/ano, e R\$ 278,87/mês. Por não ser pluriativa, esta família sobrevive exclusivamente da renda agrícola. Considerando-se o valor do auto-consumo, eleva-se a renda agrícola para R\$ 10.023,50/ano, e a renda per capita para R\$ 5.011,75/ano, e R\$ 417,64/mês⁴, respectivamente.

Como pode ser observado no Fluxograma P1⁵, esta unidade produtiva tem seus sub-sistemas muito integrados internamente, com pouca dependência do mercado de insumos, sendo 33% da produção destinada ao auto-consumo e o excedente vendido na feira de Santo Amaro.

O sub-sistema mandioca x milho (0,43ha) está integrado ao sistema de transformação (casa de farinha) e ao sub-sistema pasto x dendê para complementar a alimentação dos animais. Identifica-se a relação com o mercado através das vendas de sacas de farinha e de milho verde; a casa de farinha fornece casca de mandioca para os animais nos sub-sistemas pasto, e quintal.

Do sub-sistema banana (0,43ha), as frutas de qualidade superior são destinadas ao mercado, e as demais se destinam ao auto-consumo, e à alimentação dos porcos no sub-sistema quintal. O sub-sistema amendoim está integrado aos sub-sistemas quintal e pasto x dendê, pois a leguminosa serve como ração para os animais (casca para os porcos e as folhas para os bovinos).

O sub-sistema feijão de corda x milho (0,11ha) está diretamente relacionado à alimentação dos animais nos sub-sistemas pasto coletivo e quintal. O sub-sistema capoeira (1ha) fornece lenha para o sub-sistema quintal e para a casa de farinha. O sub-sistema feijão (0,05ha) não está integrado internamente, destinando-se exclusivamente para o auto-consumo.

O sub-sistema quintal (0,11ha) é um dos mais diversificados na unidade produtiva, porquanto oito sub-sistemas estão ligados a ele (maior nível de integração); essa capacidade receptora do quintal é explicada pelos criatórios de porcos e galinhas, é também o sub-sistema mais eficiente, com maior renda agrícola e maior produtividade. O sub-sistema quintal é bastante diversificado, composto pelas lavouras de mandioca, feijão, milho, aipim, abóbora, batata, amendoim, além de aves, ervas medicinais, horta, fruteiras e flores.

O sub-sistema pasto x dendê (3,48ha) fornece adubo natural (esterco) para os sub-sistemas quintal, e mandioca x aipim x abóbora. A bucha do dendê e a água servida durante a extração do azeite também são aproveitadas como adubo no quintal. O sub-sistema cana x milho (0,22ha) está integrado aos sub-sistemas quintal e pasto x dendê através da transferência de palhas que servem como ração.

O sub-sistema mandioca x aipim x abóbora (2,16ha) relaciona-se apenas com o sub-sistema pasto x dendê. Entre os sub-sistemas de produção agrícola este é o que utiliza maior área, todavia, a sua produtividade é insignificante, apresentando renda agrícola

⁴ A renda monetária representa a produção vendida pelo assentado, enquanto a renda agrícola representa a produção vendida adicionada da produção consumida (auto-consumo).

⁵ A descrição textual dos fluxogramas será adotada apenas para o Sistema de Produção 1, subtendendo-se que, após essa explicação, o leitor saberá interpretar as relações de integração contidas dos demais fluxogramas.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



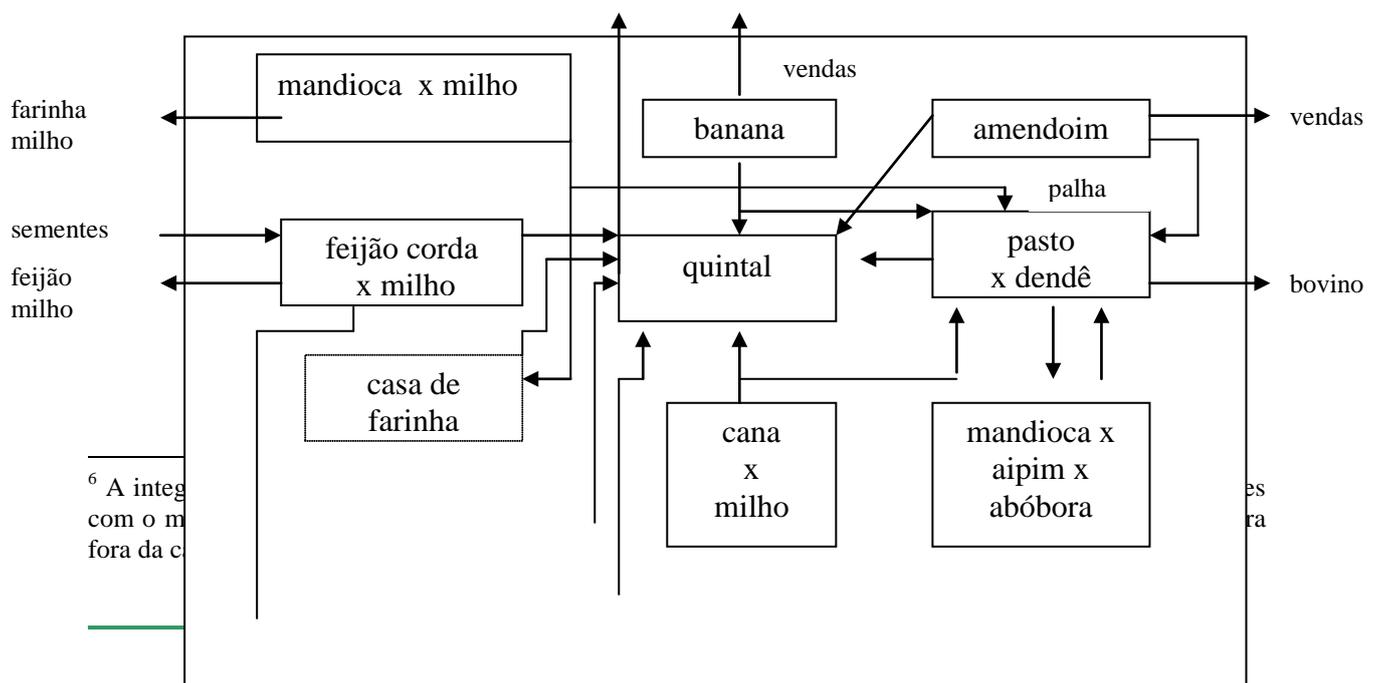
negativa, explicada em parte, pela elevada despesa, R\$ 1.075,00. O sub-sistema pasto coletivo subsidia o produtor na criação de animais dos tipos bovinos e eqüinos; deste sub-sistema transfere-se esterco para o sub-sistema quintal.

Além da análise da integração existente entre os diversos sub-sistemas de produção estudados, importa calcular o valor da Renda Agrícola (RA) total (inclusive o valor do auto-consumo) em relação à Unidade de Trabalho familiar (UTf) e à área utilizada na produção (ha). Quanto maior for RA/UTf e menor a área utilizada (ha), o sub-sistema de produção é mais intensivo na utilização dos meios de produção (terra, trabalho, equipamentos).

O indicador RA/UTf, que representa a produtividade do trabalho para o SP1, foi calculado em R\$ 5.011,75/ano e R\$ 417,64/mês. Esses valores funcionam como parâmetros do custo de oportunidade do produtor P1, para decidir permanecer no assentamento. Considerando que se trata de pessoas sem educação formal, e com mais de 55 anos, é muito difícil conseguir este nível de renda em algum emprego urbano. Quanto à relação Renda Agrícola e área (ha), que mostra a produtividade por área cultivada, o valor calculado é de R\$ 1.235,94/ano.

Como mostra a Tabela 2, a renda monetária por área e por UTf (RM/ha/UTf) que mostra a eficiência do SP1 é de R\$ 412,64/ano. Ao se considerar o auto-consumo no cálculo da renda, a relação renda agrícola por área e por UTf (RA/ha/UTf) eleva-se para R\$ 617,97/ano – valor que representa a relação mais alta por comparação com os demais produtores estudados. O Gráfico 1 mostra a eficiência de cada sub-sistema, sendo que a reta mais inclinada positivamente representa o sub-sistema mais eficiente. Com uma pequena área cultivada o sub-sistema quintal apresenta a maior renda agrícola, bem como a maior produtividade; o valor da sua produção mais que duplica quando se considera o auto-consumo, variando de RM/ha/UTf = R\$ 69.413,49 para RA/ha/UTf = R\$ 92.214,08.

Fluxograma P1 – Sistema de Produção muito integrado⁶

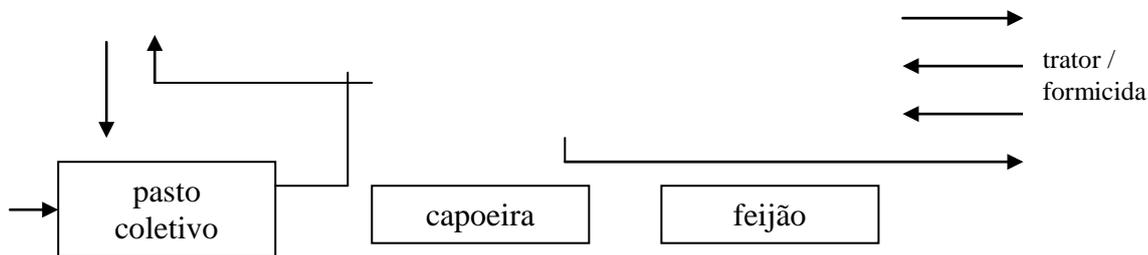


⁶ A integ com o m fora da c

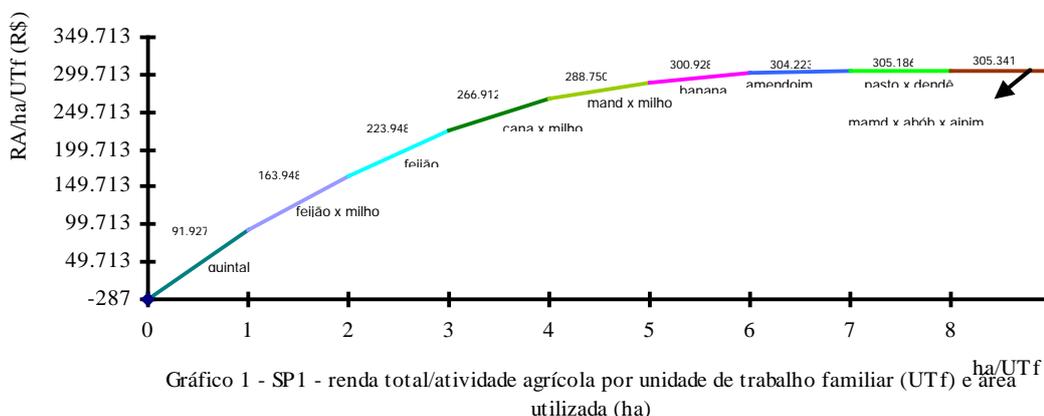


SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural



Pesquisa de campo, out. 2005.



Pesquisa de campo, out. 2005.

O produtor P2 diferencia-se do produtor P1 no que se refere à organização do trabalho, e também pela parcela da renda não agrícola (bolsa-escola) que faz parte da composição da renda total. No SP2 a área utilizada com sub-sistemas é de aproximadamente 6,7ha, que representam 83,7% da área total do lote (8ha), distribuídos em lavouras (5,43ha) representando 67,8% do lote, e sistema de cultivo de pastagem (1,27ha). A mão-de-obra é predominantemente familiar, com 3,35 ha/UTf, constatando-se a presença de diaristas contratados pela família na época do preparo do solo para plantio e colheita. Como se pode observar no Fluxograma P2, esta unidade produtiva é pouco integrada, embora seja composta por onze sub-sistemas, e se relaciona com o sistema de transformação.

Na Tabela 1, podem-se verificar as receitas e despesas do produtor P2. A renda monetária anual do P2 é de R\$ 3.157,40. Considerando o valor do auto-consumo, eleva-se a renda agrícola para R\$ 5.350,00/ano, apresentando uma variação de 41%. Por se tratar de uma família de quatro pessoas, a renda agrícola *per capita* de R\$ 1.337,50/ano, e R\$ 111,45/mês. Embora este produtor não exerça qualquer tipo de atividade não agrícola, complementa sua renda agrícola com ajuda do governo (bolsa-escola); a renda total eleva-se para R\$ 6.310,00/ano e a renda total *per capita* para R\$ 1.577,5/ano e R\$ 131,45/mês, respectivamente.



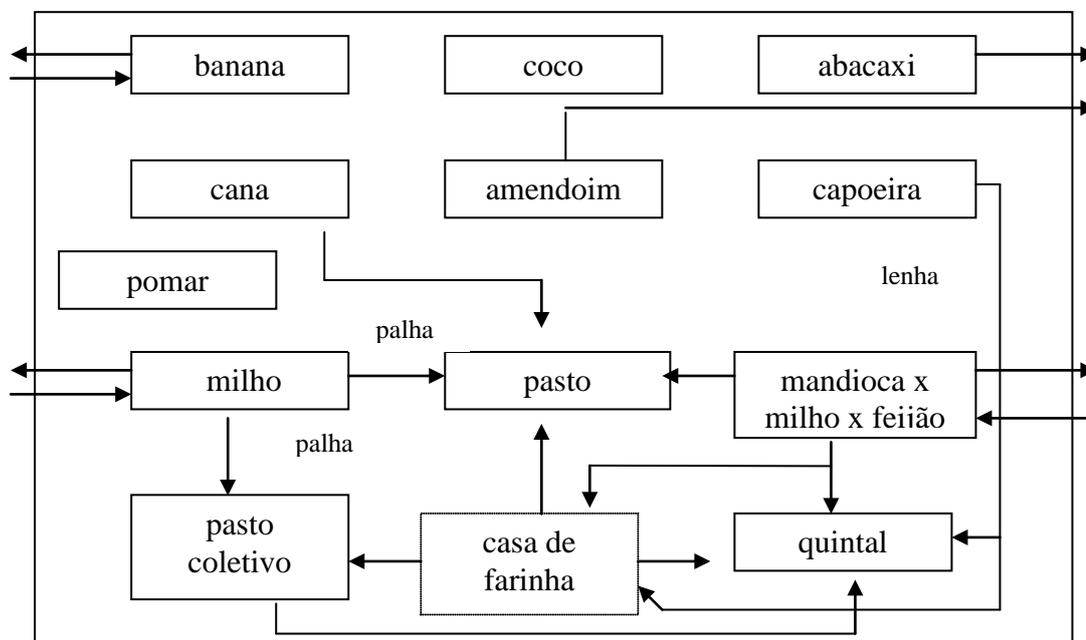
SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Como se pode observar na Tabela 2, o indicador RA/UTf, que representa a produtividade do trabalho para o SP2, foi calculado em R\$ 2.675,00/ano. Quanto à relação RA e área (ha), o valor calculado é de R\$ 659,68/ano. No SP2, a RM/ha/UTf do P2 é de R\$ 194,66/ano, ao se considerar o auto-consumo no cálculo da renda a relação RA/ha/UTf eleva-se para R\$ 329,84/ano. O Gráfico 2 mostra os sub-sistemas ordenados de forma decrescente por eficiência.

Fluxograma P2 – Sistema de produção pouco integrado



Pesquisa de campo, out. 2005.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

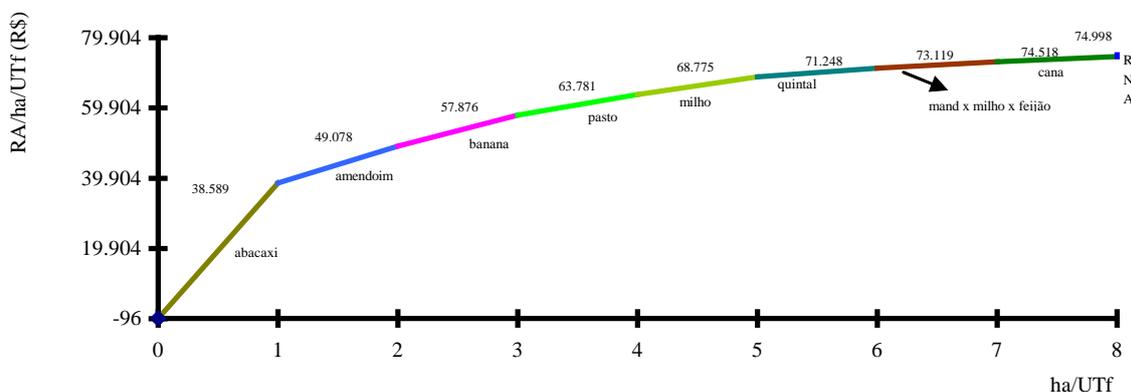


Gráfico 2 - SP2 - renda total/atividade agrícola por unidade de trabalho familiar (UTF) e área utilizada (ha)

Pesquisa de campo, out. 2005.

O produtor P3 diferencia-se dos demais produtores, sobretudo por ser pluriativo, isto é, além das atividades agrícolas pratica uma atividade que não está relacionada com a agricultura, diferencia-se ainda por cultivar em solo do tipo tabuleiro e por trabalhar individualmente.

No SP3, a área utilizada com sub-sistemas é de aproximadamente 9,81ha (considerando a área externa ao assentamento); sendo que a área, no assentamento, utilizada com lavouras é de aproximadamente (4,18ha), representando 52% da área total do lote (8ha) e a área com pastagem (3,89ha), representando 48% do lote; a mão-de-obra é predominantemente familiar com 8 ha/UTF no lote, constatando-se a presença de diaristas na época do preparo do solo para plantio e colheita.

O SP3, como pode ser observado no Fluxograma P3, é integrado e composto por dez sub-sistemas no assentamento e um sub-sistema externo, e se relaciona com o sistema de transformação externo à unidade produtiva.

A renda monetária anual do produtor P3 é de R\$ 3.000,00, a renda agrícola totaliza R\$ 3.600,80/ano. Como este produtor pratica uma atividade não agrícola, a sua renda total é de R\$ 6.060,80/ano, o que equivale a uma variação na renda de aproximadamente 59%. Trata-se de uma família de cinco pessoas, o que significa uma renda agrícola total per capita de R\$ 720,16/ano, e R\$ 60,00/mês. A renda total (agrícola e não agrícola) per capita é de R\$ 1.212,16/ano e R\$ 101,01/mês.

Ao se considerar a unidade produtiva como um todo, o P3 auferir uma renda agrícola por UTF de R\$ 1.047,44/ano; a renda agrícola por área é de R\$ 373,17/ano. A renda monetária por UTF e área é de R\$ 87,50/ano e a renda agrícola total é de R\$ 106,87/ano. O Gráfico 3 mostra a eficiência de cada sub-sistema, sendo que a reta mais inclinada representa o sub-sistema mais eficiente.

Fluxograma P3 – Sistema de produção integrado



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural

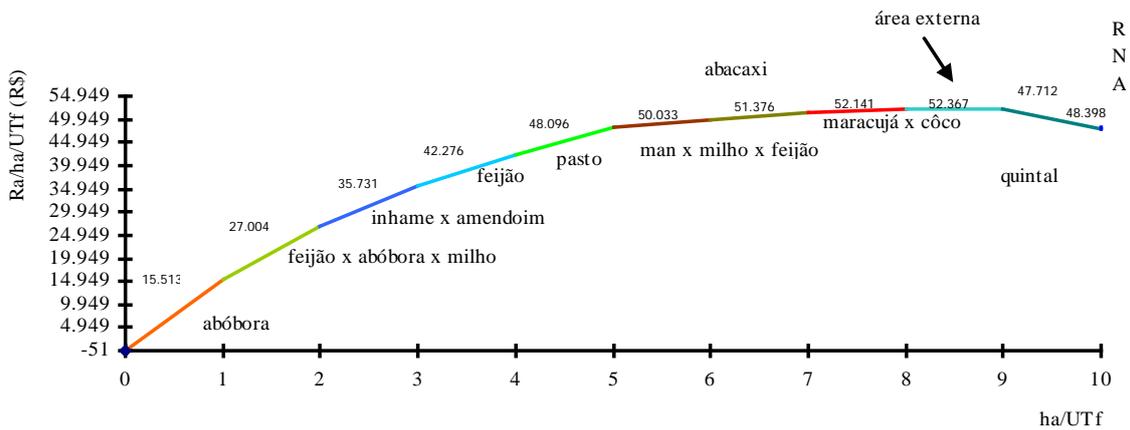
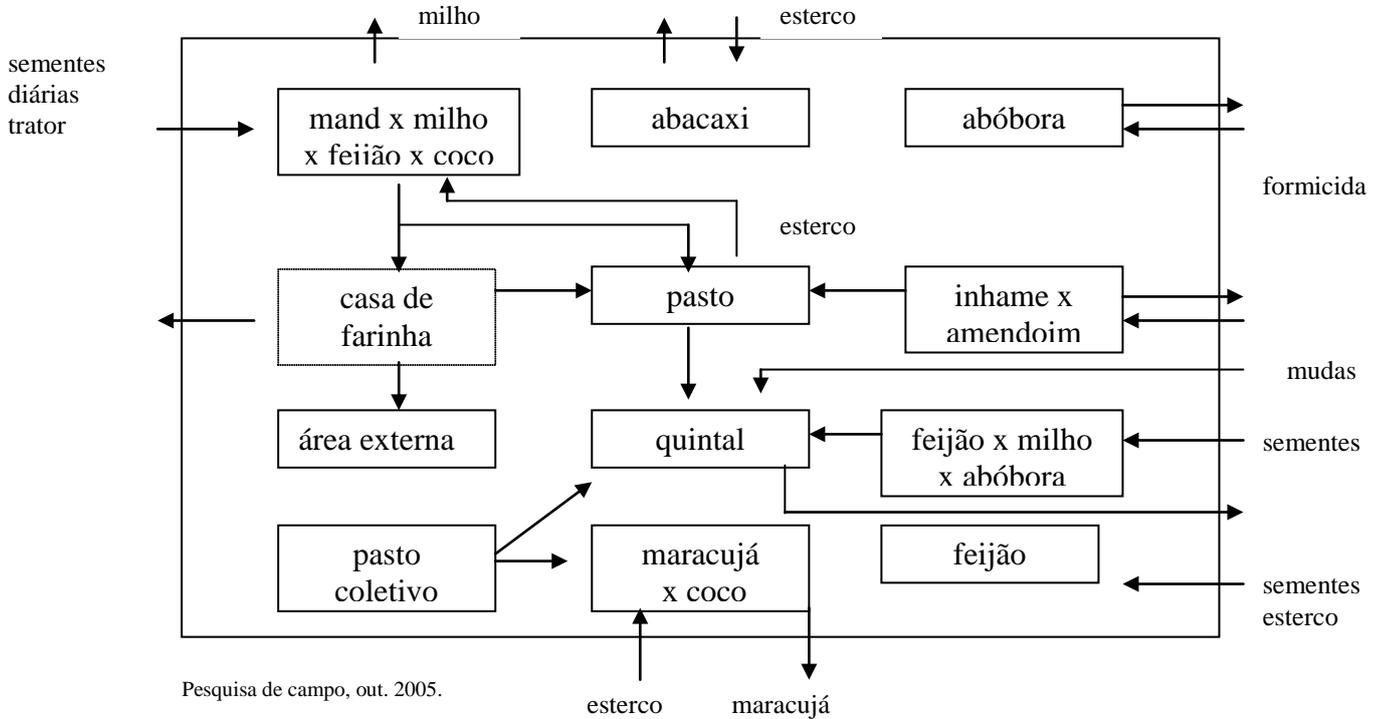


Gráfico 3 - SP3- renda total/atividade agrícola, não-agrícola, por unidade de trabalho familiar (UTF) e área utilizada (ha)

Pesquisa de campo, out. 2005.

O P4 trabalha individualmente em solo do tipo tabuleiro, cultiva pequena área, de aproximadamente 1,62 ha, representando apenas 20% da área total do lote (8ha). Grande



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



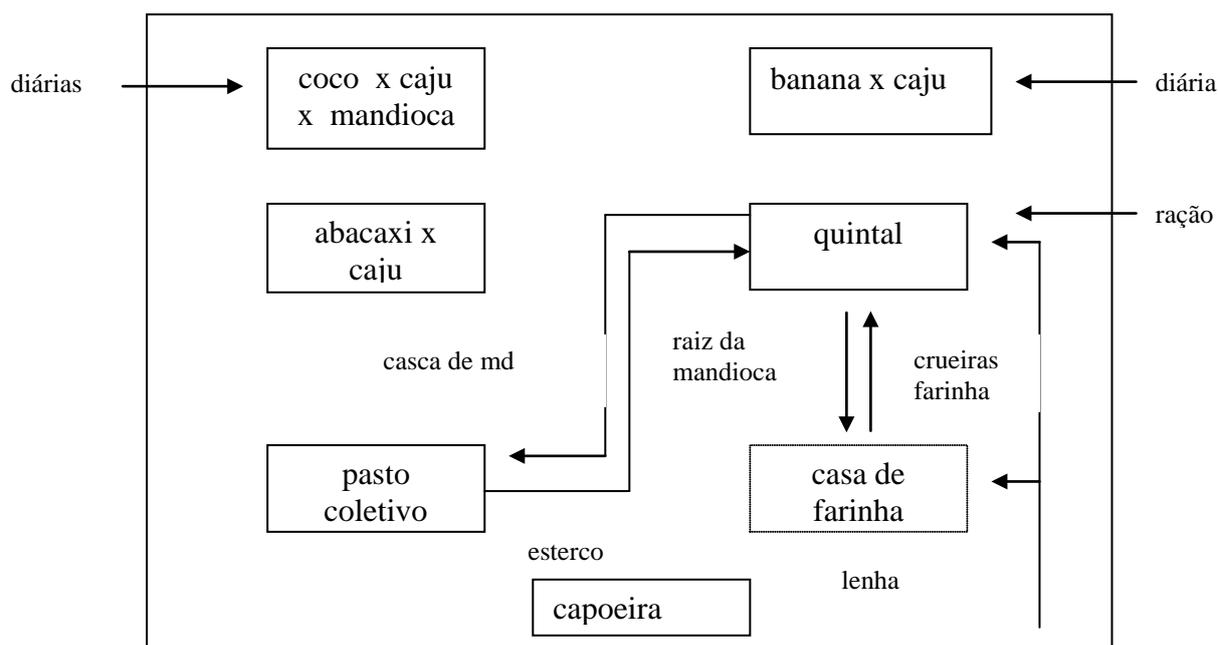
parte do lote continua sem cultivo, visto que a área de capoeira tem em torno de 6,38 ha e representa aproximadamente 80% da área total. No SP4, a mão-de-obra é predominantemente familiar 1,08 ha/UTF, sendo que o sub-sistema quintal é o que ocupa a maior quantidade de UTF (0,7). Esta unidade produtiva, como pode ser observada no Fluxograma P4, é pouco integrada e composta por seis sub-sistemas, e como os demais SP, se relaciona com o sistema de transformação externo ao assentamento.

Como pode ser identificado na Tabela 1, o produtor P4 pratica apenas o auto-consumo, isto é, não vende sua produção na feira local, portanto, não obtém renda monetária, daí a sua renda monetária ser negativa, da ordem de R\$ -249,00/ano, quando se contabilizam os custos de produção. Ao se considerar o auto-consumo, a renda desse produtor torna-se positiva, alcançando o valor de R\$ 687,50/ano. Como se trata de uma família composta por três pessoas, a renda agrícola *per capita* é de R\$ 229,16/ano e R\$ 19,09/mês.

Por se tratar de um produtor aposentado e pensionista, a renda não agrícola financia a pequena produção da agricultura e as despesas da família. A renda total da família é de R\$ 7.887,50/ano, sendo a renda *per capita* de R\$ 2.629,16/ano e R\$ 219,09/mês.

Visto que não existiram vendas, a renda monetária - para a unidade produtiva - por área é negativa (R\$ -30,70), bem como a renda monetária por UTF (R\$ -1666,00). Mas, ao se considerar o auto-consumo, a renda agrícola por área e por UTF é positiva, R\$ 84,77/ano e R\$ 458,33/ano, respectivamente. Em relação à produtividade por área e por UTF quando se considera o auto-consumo, existe uma variação de RM/ha/UTF R\$ -20,47/ano para RA/ha/UTF R\$ 56,51/ano. A relação com o mercado foi unilateral, representada através das compras e contratação de mão-de-obra. O Gráficos 4 mostra os sub-sistemas por ordem de eficiência.

Fluxograma P4 - Sistema de produção pouco integrado





SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Fonte: pesquisa direta, out. 2005.

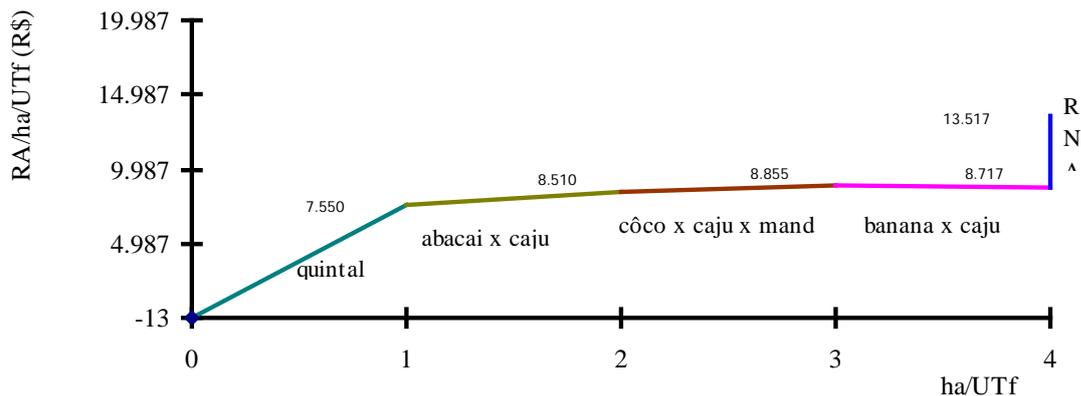


Gráfico 4 - SP4 - renda total/atividade agrícola, não-agrícola, por unidade de trabalho familiar (UTf) e área utilizada (ha).

Fonte: pesquisa direta, out. 2005.

Considerando as quatro famílias, a renda agrícola familiar anual média do assentamento é de R\$ 4.930,45 e a renda mensal é de R\$ 410,87. Apenas o produtor P1 auferiu uma renda superior à renda agrícola média do assentamento. Ao se considerar a renda não agrícola (R\$ 2.640,00), a renda familiar anual média é de R\$ 7.570,45 e a renda mensal é de R\$ 630,87.

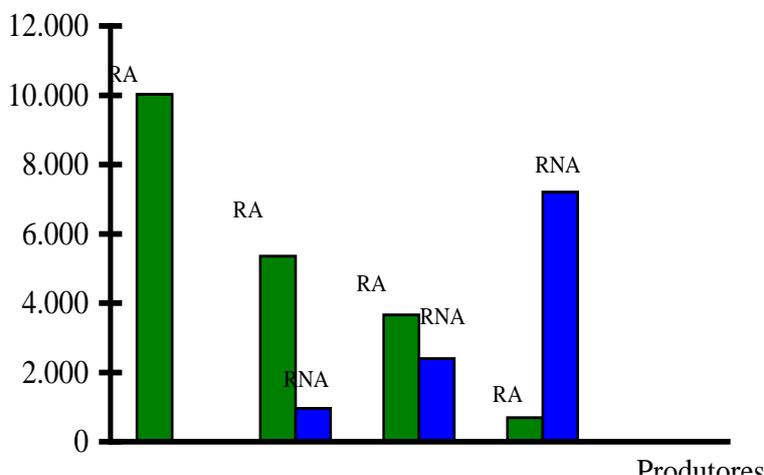


Gráfico 5 - comparação das rendas agrícolas e não agrícolas

Fonte: pesquisa de campo, out, 2005.

Tabela 1: renda agrícola e não agrícola por produtor

Produtor	Área (ha)	UTf	PB (R\$)	CI (R\$)	DEP (R\$)	S (R\$)	RM (R\$)	PB (R\$) ac	RA (R\$)	RNA	R total
P1	8,11	2,00	8.525,00	1.379,00	138,00	315,00	6.693,00	3.330,50	10.023,50	0,00	10.023,50
P2	8,11	2,00	3.770,00	332,60	70,00	210,00	3.157,40	2.192,60	5.350,00	960,00	6.310,00
P3	9,81	3,50	3.449,00	208,00	25,00	216,00	3.000,00	660,80	3.660,80	2.400,00	6.060,80
P4	8,11	1,50	0,00	170,00	39,00	40,00	-249,00	936,50	687,50	7.200,00	7.887,50

RM = PB - CI - D - S

RA = RM + PB ac

R total = RA + RNA

Tabela 2: renda agrícola por área e por UTf dos produtores estudados

Produtor	Área (ha)	UTf	RM (R\$)	RA (R\$)	RM/ha	RM/UTf	RM/ha/UTf	RA/ha	RA/UTf	RA/ha/UTf
P1	8,11	2,00	6.693,00	10.023,50	825,28	3.346,50	412,64	1.235,94	5.011,75	617,97
P2	8,11	2,00	3.157,40	5.350,00	389,32	1.578,70	194,66	659,68	2.675,00	329,84
P3	9,81	3,50	3.000,00	3.660,80	305,81	858,37	87,50	373,17	1.047,44	106,77
P4	8,11	1,50	-249,00	687,50	-30,70	-166,00	-20,47	84,77	458,33	56,51

2.3.2 Análise comparativa dos resultados econômicos dos sistemas de produção

A comparação dos diversos SPi permite uma visualização geral da eficiência das unidades produtivas como um todo. Para tanto, torna-se necessária à agregação dos diversos sistemas de cultivo e beneficiamento. Quanto maior a RA/UTf e menor a ha/UTf, mais intensivo é o SP na utilização dos meios de produção (terra, trabalho, equipamentos). Como aponta a metodologia, quanto mais intensivo é o SP, maior é a renda gerada por um hectare. Entretanto, se o sistema utiliza uma área maior para a produção, isto é, $\partial(RA/UTf) < \partial(ha/UTf)$, o SP é mais extensivo. Em cada SP, a relação entre a renda e a área é diferente, pois os sistemas são intrinsecamente diferentes entre si.

A seguir, comparam-se graficamente as rendas agrícolas dos quatro produtores, por unidade de Trabalho Familiar (UTf) e por área agrícola utilizada (um hectare). Cada produtor é representado por uma reta. A reta mais inclinada positivamente representa o SP1, mais eficiente, praticado pelo P1, com rendimento mais elevado entre os produtores estudados devido à integração das culturas (ver fluxograma), significando sistemas intensivos em terra e mão-de-obra.

Igualmente eficientes, revelaram-se os SP2 e SP3 praticados pelos produtores P2 e P3. Esses SP, embora diversificados, apresentam menor integração que o SP1. Inclinação negativa, como a do P4 significa SP deficitário que não deve ser incentivado sem que passem por uma reestruturação produtiva.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

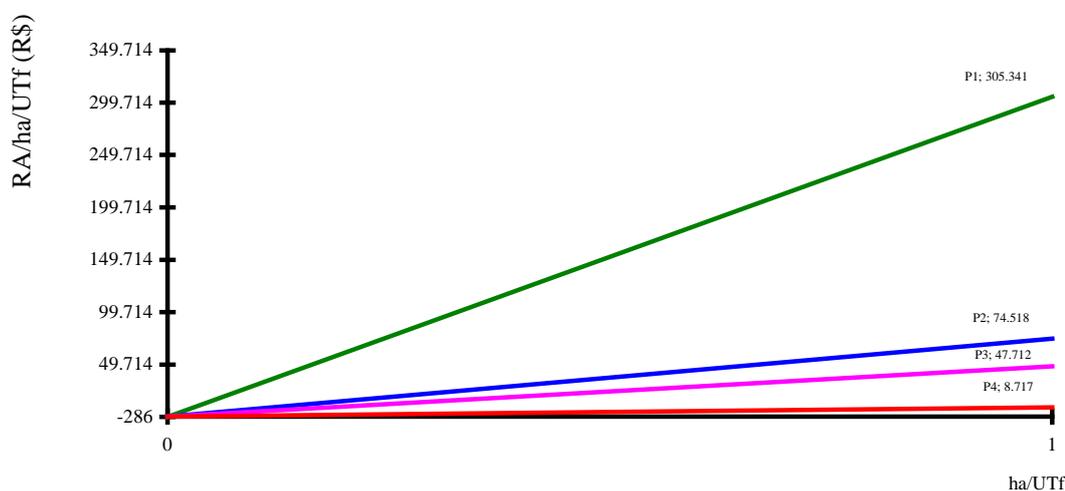


Gráfico 6 - Resumo renda familiar agrícola total por unidade de trabalho familiar (UTF) e área utilizada (1 ha) dos produtores entrevistados
Fonte: pesquisa de campo, out. 2005

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados, pode-se afirmar que, mesmo enfrentando dificuldades na produção agrícola, com a implantação da reforma agrária, a maior parte das famílias assentadas auferem uma renda agrícola que lhes possibilita o custeio das despesas familiares e dos sistemas de produção (SPi). Os quatro tipos representativos de SPi são diversificados, sendo um tipo muito integrado internamente, dois integrados, e um tipo pouco integrado.

Os assentados diversificam a produção para compor a cesta básica e, por isso, os sistemas de cultivo e de criação estão relacionados aos hábitos alimentares. Embora existam 17 famílias assentadas desde 1998, não foram identificadas culturas permanentes. Apenas uma pequena parte dos assentados pratica novos cultivos, a exemplo de coco, caju e laranja. A maior parte da produção no assentamento decorre de culturas temporárias.

Os produtores P1, P2 e P3, além de produzirem para o auto-consumo e reprodução das unidades produtivas, auferiram um excedente para aquisição de bens de consumo para sustento da família. O produtor P1 sobrevive exclusivamente da renda agrícola e apresenta um SP mais integrado que os demais, e uma maior renda agrícola.

No assentamento, 12 famílias sobrevivem exclusivamente com renda proveniente da agricultura; 15 famílias, além da renda agrícola auferem renda não agrícola. No que se refere à composição da renda não agrícola observaram-se as seguintes classificações: diaristas (7), comércio (2), serviços (2), previdência (4). As famílias assentadas diversificam as fontes de renda para o sustento da família, bem como para o custeio dos SP. Das 27 famílias entrevistadas, 56% obtêm algum tipo de renda não-agrícola. Embora o



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



percentual de famílias pluriativas no assentamento seja significativo, 26% das famílias que auferem renda não-agrícola são diaristas (na atividade agrícola), observou-se que os novos assentados, para complementar a baixa renda agrícola, tornam-se diaristas, pois não têm uma renda agrícola que lhes dê condições de sobreviver. Entre os assentados mais antigos não foi identificada a venda de dias de trabalho para a atividade agrícola.

Conforme mostra o Gráfico 5, entre os produtores estudados, exceto P1, a renda não agrícola compõe uma parte considerável da renda total. O produtor P4, com a renda da aposentadoria e pensão, custeia a produção e sustenta a família. P2 complementa a renda agrícola com a renda da bolsa escola. A renda não agrícola do produtor P3 é oriunda da pluriatividade.

Com base no cálculo da renda agrícola para os quatro produtores, pode-se afirmar que o nível de renda média dos assentados, embora baixa, é superior ao salário mínimo nacional previsto para uma família com quatro integrantes. A renda agrícola total média é de R\$ 4.930,45/ano e R\$ 410,87/mês por família. Apesar de auferirem uma baixa renda agrícola, não se pode deduzir que a desapropriação da fazenda não tenha gerado melhores condições de vida para as pessoas que vivem no assentamento. Como não existem dados para se fazer uma comparação entre o nível da renda atual no assentamento e a renda que eles auferiam em 1996 (o marco zero), período anterior à mobilização que resultou na constituição do assentamento, não se podem apontar dados quantitativos referentes ao aumento da renda. Todavia, levando-se em consideração as entrevistas e os depoimentos dos assentados, bem como os resultados da técnica de leitura de paisagem (sinais de progresso, por exemplo), pode-se admitir que houve uma melhoria na qualidade de vida das famílias.

Conforme a Tabela 1, não se verifica uma distribuição equitativa das rendas familiares. Essas rendas variam, tanto no que se refere às atividades agrícolas quanto às atividades não agrícolas. Como pode ser verificado na Tabela 2, ao se comparar a renda agrícola por ha dos produtores 1 e 2 que trabalham no lote com solo do tipo massapê, percebe-se uma variação na renda de 47%. Essa variação advém, em parte, da distribuição do trabalho familiar (a família do produtor P2 trabalha apenas em dois sub-sistemas, enquanto a família de P1 trabalha na maior parte dos sub-sistemas) e também da integração das culturas.

Ao se analisar a produtividade da área dos SP cultivados no solo massapê e no tabuleiro, identificou-se uma variação de 70% entre SP1 (massapê) e SP3 (tabuleiro); a variação da produtividade da área entre o SP2 (massapê) e SP3 é de 44% .

No assentamento desenvolve-se a produção em forma de trabalho individual e em grupo. O trabalho em grupo aponta para a tentativa da evolução da organização da produção em forma de cooperação. Os assentados que trabalham exclusivamente em grupo, aqui representados pelo produtor P2, cumprem jornada integral de trabalho, obtendo maiores rendas. Todavia, a maior renda é conseguida na forma mista de produção, representada pelo produtor P1 que combina trabalho em grupo e individual.

Neste trabalho procurou-se caracterizar um assentamento originado da luta pela reforma agrária assumida pelo MST. Para essa finalidade foram estudadas com detalhe quatro famílias representativas de um total de 27 que residem no assentamento. Muito embora não se possa ter um perfil socioeconômico para cada família assentada, este estudo define um panorama geral do assentamento, identificando grupos de SPi mais ou menos



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



homogêneos, aqui representados pela tipologia de Pi, cujo patrimônio e renda foram calculados e apresentados por unidades de área e de trabalho. Espera-se que a identificação de SPi mais ou menos eficientes possa contribuir para a formulação de políticas públicas, particularmente o planejamento e execução dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural. A maior eficiência dos SPi familiares praticados nas áreas de assentamento é uma condição vital para o êxito de projetos sustentáveis de reforma agrária.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e capitalismo no campo. In: STÈDILE, João Pedro (Coord.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994. p. 94-104.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. O sentido da reforma agrária no Brasil dos anos 1990. **Caderno do Ceas**, Salvador, n. 166, p. 19-35, nov./dez.1996.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI). Disponível em: www.sei.ba.gov.br/pib/municipal. Acesso em: 06 nov. 2005.

BRASIL. Estatuto da Terra (Lei n. 4504, de 30 nov. 1964). Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências. Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário MIRAD/INCRA. Brasília, 1964.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Plano Nacional de Reforma Agrária. Brasília, 2003. Disponível em: www.incra.gov.br. Acessado em 04 jul 2005 a.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**. Disponível em: www.pronaf.gov.br. Acesso em: 05 nov. 2005 c.

COUTO, Vitor de Athayde; DUFUMIER, Marc. Neoprodutivismo. **Caderno CRH**. Salvador: UFBA, n.28. p. 81-111, jan./jun. 1998.

FERREIRA, Adjane Barros. **A luta das ligas camponesas**. Disponível em: www.terna.com.br. Acesso em: 04 jul. 2005.

GARCIA FILHO, Danilo Prado. **Guia metodológico**: análise-diagnóstico de sistemas agrários. Brasília: INCRA. [1997?]. 67 p.

GRAZIANO DA SILVA, José. O novo rural brasileiro. **Nova Economia**. Belo Horizonte: v.7, n.1, p. 43-81, 1997.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **A crise agrária**. 2 ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 362p. (Col. O mundo, hoje; v. 29).



MAZONI, Patrícia; MINAS, Raul. **Poluição por chumbo em Santo Amaro da Purificação**. Disponível em: www.ida.org.br. Acesso em: 06 nov. 2005.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. 5 ed. Petrópolis:Vozes, 1987. 86 p.

PRADO Jr, Caio. **A revolução brasileira**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1966. 332p.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. O modelo euro-americano de modernização agrícola. **Nova Economia**, Belo Horizonte: nov. 1991, v. 21, p. 175-197.

ROSSETO, Miguel. **Possibilidades e desafios**. In: DEBATE sobre a natureza da reforma agrária brasileira. 2 ed. São Paulo: MST, jan. 2004. p. 29-37.

SILVA, Edna Maria da. **Cálculo da renda familiar em áreas de reforma agrária: assentamento Bela Vista, Santo Amaro, Bahia**. 2005. 130p. (Monografia/Graduação). Faculdade de Ciências Econômicas / Universidade Federal da Bahia.Salvador, 2005.

STÉDILE, João Pedro; MANÇANO FERNANDES, Bernardo. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paul: Perseu Abramo, 2001.

VEIGA, José Eli da. Fundamentos do agrorreformismo. In: STÉDILE, João Pedro (Coord.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994. p. 68-93.